

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS/EJA E ENSINO DE GEOGRAFIA EM UBERLÂNDIA-MG, 2003

Education of youths and adult people, and the teaching of Geography in Uberlândia-MG, 2003

Fernanda Borges Neto Benevides

Geógrafa / fernandageo@fundap.ufu.br

Vânia Rúbia Farias Vlach

Professora Dra. do Instituto de Geografia/UFU / vaniarubia@nanet.com.br

Artigo recebido em 8/9/2004 e aceito para publicação em 30/09/2004

RESUMO:

A educação é considerada elemento básico para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nos últimos anos, vem ocorrendo um relativamente grande retorno de jovens e adultos às escolas, no Brasil. Objetivou-se conhecer o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem de Geografia, em classes de Educação de Jovens e Adultos (EJA), de ensino não regular, do nível Fundamental. Para isto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre a questão do ensino de jovens e adultos; e, posteriormente, uma pesquisa específica a respeito do ensino de Geografia em classes de EJA, bem como observações semanais em uma classe da 5ª série, “ensino compacto”, do período noturno, na Escola Municipal Profa. Cecy Cardoso, em Uberlândia – MG, 2003. Constatou-se, dentre outros resultados desta pesquisa: 1) ausência de relação entre o conteúdo geográfico ensinado na escola e a prática cotidiana desses educandos, ou seja, não consideração do conhecimento prévio dos alunos; 2) escassez de material didático adequado à idade do público em questão, evidenciando-se o uso de didáticas infantilizadas, pouco atraentes e tediosas. Concluiu-se que esse público requer métodos educacionais diferenciados e adequados, enfatizando o conhecimento prévio e real dos alunos, realizando conexões entre o conteúdo geográfico ensinado na escola e o saber adquirido pelas suas experiências de vida.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, ensino-aprendizagem, Geografia.

ABSTRACT:

Education is considered a basic element for the construction of a fairer and equalitarian society. In recent years, a relatively large return of youths and adult people to schools in Brazil is being observed. In this work we had the objective to know the development of the teaching/learning process of Geography, in classes of Education of Youths and Adult People, of a non-regular teaching — the teaching to students who dropped school and returned to it some years later — of the elementary school. For that, a bibliographical research on the subject was done, which was related to the teaching for youths and adult people; later, a specific research was done, regarding the teaching of Geography above mentioned. Weekly observations in a 5th grade class, ‘ensino compacto’ — the students are allowed to return to school to conclude their studies in a shorter period of time — of the evening period in the Escola Municipal Profa. Cecy Cardoso, in Uberlândia – MG, 2003. It was verified, among other results: 1) Absence of relationship between the Geogra-

phy content taught in the school and the students' daily practice. In other words the non-consideration of the students' previous knowledge; 2) Shortage of appropriate didactic material to the public's age, being evidenced the use of children didactic material which was tedious and not very attractive. Conclusions point out that the public requests differentiated and appropriate educational methods, emphasizing the students' previous and real knowledge, accomplishing connections among the Geography content taught in the school and the knowledge acquired by their life experiences.

Keywords: Education of Youths and Adult people, teaching/learning, Geography.

INTRODUÇÃO

Objetivou-se nesta pesquisa conhecer como se desenvolve o ensino de Geografia em classes de Educação de Jovens e Adultos (EJA), de ensino não regular do Ensino Fundamental, compreender o processo de ensino-aprendizagem nestas classes, bem como, identificar de que maneira o conteúdo geográfico está sendo trabalhado em classes tão heterogêneas, cujos alunos apresentam em comum a idade superior a 15 anos e a ausência dos bancos escolares há longo tempo.

Para isto, foram realizadas observações durante as aulas de Geografia do 5º Módulo, correspondente à 5ª série do Ensino Fundamental, durante quatro meses, de setembro a dezembro de 2003 e aplicação de um questionário para conhecer melhor a clientela que busca este serviço.

Durante as observações, constatamos que não há uma diferenciação da didática utilizada para se trabalhar com alunos EJA e alunos em idade escolar regular, o que se tornou um elemento de muitos questionamentos.

Este trabalho visa atingir os estudantes dos cursos de licenciatura, em particular os de Geografia e os profissionais que trabalham, ou possam vir a trabalhar, com classes de ensino não regular.

Ressalta-se a escassez de material bibliográfico, que trata da Educação de Jovens e Adultos e a Geografia, particularmente. As poucas obras

encontradas trabalham os dois temas de forma separada, cabendo-nos interligar um e outro.

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO

A educação tem sido proclamada como uma das áreas-chave para enfrentar os novos desafios gerados pela globalização e pelo avanço tecnológico na era da informação, além de contribuir para a superação da miséria do povo, promovendo o acesso dos excluídos a uma sociedade mais justa e igualitária, juntamente com a criação de novas formas de distribuição de renda e justiça social (GENTILE, 2003).

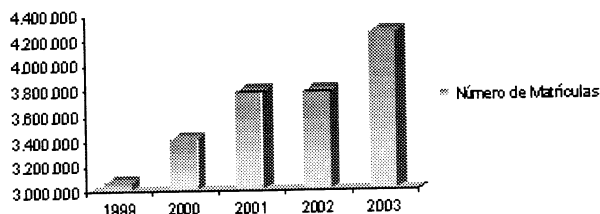
Atualmente, há um intenso movimento de jovens e adultos que retornam à escola. Quem não teve oportunidade de estudar na idade apropriada, ou, por algum motivo, abandonou a escola antes de terminar a Educação Básica, está voltando às instituições de ensino para completar os estudos. As pessoas que não sabem ler e escrever pretendem ser alfabetizadas, enquanto os que já possuem estas habilidades, desejam adquirir outros saberes e o diploma, para que possam ter melhores oportunidades no concorrido mercado de trabalho, além de se sentirem cidadãos responsáveis pelos destinos do país (GENTILE, 2003).

Estou de volta à escola por causa do trabalho; Porque eu quero ter mais conhecimento; Para obter o diploma. (Depoimento de três alunos EJA em 2003).

O Brasil possui mais de 65 milhões de jovens e adultos (INEP, 2003), que não concluíram o ensino básico. Desse total, 30 milhões não frequentaram nem os quatro primeiros anos escolares, os chamados analfabetos funcionais, e cerca de 16 milhões não sabem ler, nem escrever.

Contraponto com as estatísticas, o Censo Escolar de 2003 evidencia um crescimento de 12,2% nas matrículas de jovens e adultos na rede oficial. São mais de 4,2 milhões de pessoas que voltaram a estudar, conforme demonstra a Gráfico 1.

Gráfico 1 – Número de matrículas no EJA, Ensino de Jovens e Adultos, no Brasil. Fonte: INEP, 2003.



Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a LDB de 1996, a educação de jovens e adultos é destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria, assegurando-lhes ensino gratuito e proporcionando oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Parei de estudar para ajudar em casa; Para trabalhar; Para ser mãe; Porque me deu vontade. (Depoimento de quatro alunos EJA em 2003).

Para isto, a LDB dedica à EJA toda uma seção, estabelecendo seus objetivos: restaurar o direito à educação negado aos jovens e adultos; oferecer-lhes igualdade de oportunidades para a entrada e permanência no mercado de trabalho e qualificação para uma educação permanente.

Neste sentido, a obra “Sete lições sobre

educação de adultos”, alerta que “*A educação dos adultos é uma condição necessária para o avanço do processo educacional nas gerações infantis e juvenis*” (PINTO, 1982, p. 81), esclarecendo que não há como pensar em educação de crianças, sem remeter aos adultos que não tiveram oportunidades de acesso à escola, pois uma sociedade desenvolvida necessita imperiosamente de adultos educados.

Este autor entende, pois, que a educação de adultos é condição necessária para o avanço do processo educacional nas gerações infantis e juvenis, o que, a nosso ver, demonstra que o ensino de EJA não é apenas politicamente correto, mas também, imprescindível para o reconhecimento do papel da educação, por parte dos gestores políticos.

Cabe ao Poder Público viabilizar, estimular o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si e, aos sistemas de ensino, a manutenção de cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos de caráter regular.

Os exames de conclusão do Ensino Fundamental são previstos para os de idade superior a 15 anos e, no nível de conclusão do Ensino Médio, para maiores de 18 anos. Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais devem ser aferidos e reconhecidos mediante exames (Cf. PINTO, 1982; RESENDE, 1986; ALMEIDA, 1990; CAVALCANTI, 1998; PEREIRA *et. al.*, 1991; FREIRE, 2002 e GENTILE, 2003).

Um dos grandes desafios da EJA tem sido garantir a permanência do adulto na escola; são elevadas as taxas de evasão (menos de 30% concluem os cursos) (GENTILE, 2003), o que é compreensível: constatamos que os conteúdos são trabalhados de forma fragmentada e sem ligação com o cotidiano do aluno, ser social, responsável pelas transformações sociais, econômicas, culturais e outras.

Constatamos, igualmente que, as origens da

evasão escolar são diversas, tais como o uso de material inadequado para a faixa etária, conteúdos sem significado, metodologias infantilizadas, aplicadas por professores despreparados e horários de aula que não respeitam a rotina do público em questão.

As classes de EJA são bastante heterogêneas, sendo comum o fato de todos terem mais de 15 anos, trabalharem em atividades não qualificadas e trazerem histórias de fracasso escolar. Logo, conhecê-los bem, é importante para se obter melhores resultados e êxito no processo de ensino e aprendizagem.

Observamos que uma didática que valorize suas lembranças e vivências, bem como a sabedoria destes alunos, estabelecendo analogias e ligações com a sua realidade, facilitaria a aprendizagem e sua inserção social.

Enfatizando a importância do saber dos alunos, PINTO (1982) reforça que educar é uma tarefa social *total*, nada está isento dela e é permanente ao longo da vida do indivíduo, o que implica estar sempre em processo. É o permanente aproveitamento dessas capacidades pelo todo social.

PINTO (1982) defende a não diferenciação da educação entre crianças e adultos. Entretanto, acreditamos que, neste caso, o professor que trabalha com classes de EJA, reconhecendo as especificidades de seu público e partindo de sua realidade, poderá conduzir melhor o processo de aprendizagem das diversas disciplinas, particularmente a Geografia.

Paulo Freire, em sua obra “Pedagogia da Autonomia — Saberes necessários à prática educativa”, enfatiza que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, devendo-se discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes e relacioná-los com o ensino de conteúdos.

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público, por exemplo, a poluição dos riachos e córregos e os baixos níveis de bem-

estar das populações, dos lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não lixões no coração dos bairros puramente remediados dos centros urbanos?

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina (...). Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? (FREIRE, 2002, p. 33-34).

Verificou-se que esta forma de trabalhar os conteúdos, estabelecendo conexões com a realidade, defendida por muitos na área da educação, é aplicável nas salas de aula de EJA, pois os alunos tendem a ser mais participativos, trazendo consigo uma bagagem de vida muito interessante ao ensino da ciência geográfica.

Paralelamente, a recepção calorosa do educador consiste num elemento diferenciador neste ensino, posto que os alunos se sentem mais à vontade, o que contribui para a diminuição da evasão, além de aumentar a auto-estima e o rendimento do grupo. Os poucos momentos na escola fazem com que acreditem em suas potencialidades, sentindo-se parte integrante da sociedade, capazes de aprender e acompanhar as mais diversas transformações, seja a nível mundial, nacional, regional ou local.

As ações interativas entre os indivíduos são fundamentais para a aquisição de novos saberes, e essas ações ocorrem fundamentalmente no plano da comunicação verbal, oral, carregadas de um conjunto de representações e tradições culturais que as expressões orais contêm (GOHN, 2001), o que, se praticado pelos profissionais que lidam com EJA, é extremamente enriquecedor, visto que os alunos trocam experiências de vida, de saber, contribuindo, em nossa visão, para a fixação dos conteúdos.

Segundo (PINTO, 1982), o educador deve considerar o educando como um ser *pensante*, portador e produtor de idéias, dotado de capacidade intelectual, que se revela espontaneamente em suas conversas, crítica aos fatos e em sua literatura oral, vindo diretamente ao encontro do que constatamos nesta pesquisa, durante a qual mais aprendemos do que ensinamos. Trabalhar com adultos é, sem dúvida nenhuma, um constante processo de ensinar e aprender, pois a troca de conhecimentos é uma realidade.

A Geografia de lá fora é diferente, mais bonita, ao contrário da Geografia da sala de aula... (Depoimento de aluno EJA em 2003).

Trazer a Geografia para a vida dos alunos é, a nosso ver, a melhor forma de ensiná-la. Deve-se fugir um pouco dos livros didáticos, mostrando-lhes (quando não o percebem), que eles fazem geografia no seu dia-a-dia, no caminho para a escola, para o trabalho, para o lazer, ou seja, em suas diversas atividades diárias.

O ENSINO DE GEOGRAFIA

A Geografia ensinada nas escolas, na maioria das vezes, examina o relacionamento entre o homem e a natureza, sem se preocupar com a relação social entre os homens, mediação inevitável da dialética homem/natureza. O “aspecto humano” remete à população, mas nunca à sociedade; fala das técnicas e dos instrumentos de trabalho e não do processo social de produção; fala dos fenômenos humanos, mas nunca de relações de trabalho (RESENDE, 1986).

Esta forma de ensinar, “desligando” o homem social do espaço, não propicia ao alunado a oportunidade de pensar a Geografia em suas tarefas diárias, ficando seu pensamento restrito aos bancos da escola, sem nenhuma, ou quase nenhuma, aplicabilidade em sua vida real. Conforme constatamos na turma de EJA, não ocorre uma ligação entre a Geografia escolar e a Geografia real dos alunos.

Segundo RESENDE (1986), o problema é ideológico, pois os porta-vozes da Geografia optam por um método de pensar o espaço que despreza ou mesmo oculta o papel central e decisivo do trabalho social na construção de espaço geográfico. Reconhecer que a produção do espaço obedece a interesses e objetivos das classes dominantes, demonstrando e fazendo-os ver a dimensão política irrecusável do espaço geográfico e, em consequência, da ciência que o investiga, é papel do educador. O saber acumulado, pelos alunos, sobre o “espaço real”, fornece padrões de inteligência e valoração do espaço ignoto. Isso exige outras habilidades do professor de Geografia, de maneira que se faz necessária uma contínua capacitação desses profissionais; na verdade, dos professores de todos os conteúdos curriculares.

Cabe ao professor de Geografia relacionar o conhecimento prévio do aluno (acumulado ao longo dos anos) com os conteúdos escolares da Geografia, pois, quem sabe assim, a matéria possa ser devidamente reconhecida, não somente por professores, pesquisadores e profissionais liberais, mas também pelos alunos, que a enxergam, na maioria das vezes, como uma ciência sem função, extirpando a idéia de que aprender Geografia é decorar nomes de países, capitais, rios, entre outros.

O saber prévio não deve ser visto como um obstáculo ao verdadeiro saber, mas como um saber que, se devidamente considerado, pode facilitar o acesso ao conhecimento científico da Geografia.

Para RESENDE (1986), o “espaço real” que, às vezes, manifesta-se via ideologia passivamente reproduzida, nem por isso deixa de ser “real”, já que o ideológico (ou inversamente, o contra-ideológico) constitui dimensão irrecusável do espaço vivido.

É preciso reconhecer a existência de um saber geográfico próprio do aluno trabalhador, um saber que esta autora denomina de *espaço real*, que está diretamente ligado com sua atitude intelectual, respondendo sempre ao seu caráter social, objetivo, de um todo integrado, presidido por um

determinado modo de produção, em decorrência do qual o espaço é organizado desta e não daquela maneira. (RESENDE, 1986).

A integração do “espaço real” do aluno com o espaço geográfico que queremos ensinar, é possível no dia-a-dia da escola (RESENDE, 1986 e CAVALCANTI, 1998), e também, segundo nossa pesquisa, nas classes de EJA.

Se insistirmos na Geografia positivista, na qual o homem social concreto é excluído, o saber geográfico, fruto da experiência de vida, do “espaço real”, não terá papel a desempenhar no processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, se adotamos o conceito de espaço social, produzido e reproduzido pelos homens na dinâmica de uma tensão histórica, a integração do espaço real com o espaço geográfico torna-se uma exigência de nossa atitude crítica diante da Geografia tradicional (RESENDE, 1986).

Constatou-se que alguns autores desvinculam o homem do espaço e, logo, o aluno de seu cotidiano e experiências, diminuindo o interesse do aluno e colocando em risco esta ciência.

A transformação que almejamos para o ensino de Geografia parte da seguinte questão: que Geografia queremos ensinar? A que mascara a realidade, ou a que tenta desvendá-la a partir da experiência social concreta do sujeito/aluno, objetivando a alteração da prática cotidiana do ensino? (RESENDE, 1986).

Na obra “A geografia do aluno trabalhador”, extraímos alguns trechos que falam por si só:

“— (...) Eu me lembro de ter visto assim: falava alguma coisa sobre os rios, sobre as matas. Custava a decorar os nomes. Já, lembro de ter visto. Numa das aulas houve uma explicação sobre a mina do Morro Velho, isto! Não consigo lembrar o que estudei de Geografia no primário, sabe...”

“— Eu não entendo, a Geografia me deixa intrigado por isto, eu descubro tanta coisa e não sei

como é que as coisas foi parar no pé que chegou.”

“— Eu acho que a gente tem vontade de saber o porquê das coisas. Todo mundo saca que existe mas precisa saber o porquê.”

“— (...) Esta diferença que não me convence (...) é como se não mostrar a forma. Talvez mostraria pela metade? Mas não, mas ele não traz, vamos dizer assim, o mais real, a fisionomia de uma paisagem, do necessário. De jeito nenhum. Não só mostrar o resumo daquilo. Um exemplo: se mostra esta paisagem, vai trazer: ‘Ah! O clima de lá é assim, assado. Lá tem rios, a pesca é isto é aquilo’. Mas como uma pessoa chegaria a conhecer a pesca? Como ele se movimentaria de formas diferentes para chegar à pesca? Seria de anzol? Seria de tarrafa? Seria de rede? Seria de canoa? Seria de navio? Será que ele poderia, pelo menos, imaginar assim só falando: lá tem esta pesca, a pesca é isto, a pesca é aquilo! Então são coisas que eu acredito que seria mais rica das pessoas saber. Não só lendo resumos, sabe (...)”. (RESENDE, 1986, p. 167).

Para essa autora, a Geografia Tradicional fragmenta a totalidade social e compartimenta deliberadamente os “elementos” que compõem o espaço geográfico, prejudicando o ensino e a aprendizagem dessa ciência.

Sabe-se que o conhecimento geográfico é indispensável à formação de indivíduos participantes da vida social, uma vez que propicia o entendimento do espaço geográfico e de seu papel nas práticas sociais, mas verifica-se que não é o que se pratica na maioria das escolas, seja Ensino Fundamental, Médio, ou as classes de EJA.

A construção e reconstrução do conhecimento geográfico pelo aluno ocorre na escola mas também fora dela... a ampliação desses conhecimentos, a ultrapassagem dos limites do senso comum, o confronto de diferentes tipos de conhecimentos, o desenvolvimento de capacidades operativas do pensamento abstrato são pro-

cessos que podem ser potencializados com práticas intencionais de intervenção pedagógica. (CAVALCANTI, 1998, p. 12).

O ensino da Geografia deve propiciar ao aluno a compreensão de espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições, contribuindo para a formação de raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço, pensando os fatos e acontecimentos mediante várias explicações. A participação destes alunos no trabalho, no bairro em que moram, no lazer, nos espaços de prática política explícita, certamente será de melhor qualidade se estes conseguirem pensar sobre o seu espaço de forma mais abrangente e crítica (CAVALCANTI, 1998).

É função da Geografia, ao lado das outras disciplinas que fazem parte do currículo, desenvolver no aluno a capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente a realidade, tendo em vista a sua transformação (FILHO & ALMEIDA, 1991). Cabe à Geografia encabeçar este processo nas salas de aula, pois é a ciência que tem como foco de estudo o espaço geográfico, e pode conduzir o aluno à compreensão da produção capitalista do espaço, repleto de desigualdades sociais, econômicas e culturais.

Para ALMEIDA (1990), nas últimas décadas, a ciência geográfica evoluiu muito no que se refere à abordagem teórico-metodológica de seu objeto de estudo e os professores que atuam nas redes de ensino não acompanharam essa evolução, permanecendo presos aos conteúdos dos antigos planos e livros didáticos, conforme constatamos.

Esta situação nos parece até compreensível, uma vez que os professores nem sempre têm tido condições de desfrutarem da formação continuada (elevada carga de trabalho, baixos salários, falta de apoio por parte do poder público, entre outros).

Segundo ALMEIDA (1990), na Geografia da maioria dos livros didáticos e que geralmente é ensinada nas escolas, os fenômenos aparecem como

ocorrências parceladas, desvinculadas do todo, sem conexão com o processo social em que estão inseridos. Tanto a natureza como a sociedade são vistas como ocupantes de um espaço herdado, cuja organização foi predeterminada por forças externas e alheias à sua dinâmica atual. Neste contexto, a Geografia pouco valor terá na formação de novas gerações, podendo, ao contrário, levar a sérias deformações quanto à visão de homem e de mundo.

Ensinar Geografia significa dar conta do processo que levou à atual organização do espaço, conforme relato de alunos pesquisados por RESENDE (1986). Neste sentido, professor e alunos devem trabalhar juntos, em cooperação e o aluno deve aprender a observar, a coligir dados, a compará-los e classificá-los, a estabelecer generalizações e inferir explicações, para que possam caracterizar melhor a realidade e tornarem-se mais conscientes do espaço em que vivem (ALMEIDA, 1990).

É preciso que a Geografia seja reformulada, assumindo cada vez mais um caráter crítico; além disso, deveria buscar seu conteúdo não na divisão entre o homem e o meio, mas numa constante inter-relação entre eles (CARVALHO & BRÍGIDO, 2002).

Segundo PEREIRA *et al.* (1991), o objetivo da abordagem didática geográfica em cursos do Ensino Fundamental, deve ser o de familiarizar o aluno com os conceitos básicos e necessários a uma apreensão geográfica do espaço no qual está inserido, compondo um substrato teórico capaz de permitir, ao aluno do Ensino Fundamental, a compreensão básica do instrumental com o qual a Geografia trabalha. A expectativa é que, na conclusão deste ciclo, o aluno seja dotado de suficiente capacitação para manipular as noções de paisagem, espaço, natureza, Estado e sociedade, uma vez que nessas categorias se concentram as ferramentas básicas para compreender o mundo ou parte dele, como, por exemplo, o Brasil, uma cidade ou um bairro.

É necessário rever as concepções que se tem da ciência geográfica, que não é a ciência dos

locais, ou da descrição dos lugares, mas a ciência que busca estudar a sociedade por meio do espaço por ela produzido, o espaço geográfico.

Cabendo à Geografia o estudo da sociedade por meio do espaço por ela produzido, torna-se urgente a transformação dos métodos utilizados para ensiná-la. Este esforço deve ser conjunto, dos pesquisadores e autores que pensam a Geografia no seu contexto acadêmico-científico, dos professores que trabalham com os alunos dos ensinos fundamentais e médios, pois são eles que fazem Geografia no seu cotidiano.

O LOCUS DA PESQUISA: A INSTITUIÇÃO ESCOLAR PESQUISADA

A Escola Municipal Professora Cecy Cardoso, localizada no Bairro Mansour (Mapa 1), município de Uberlândia, Estado de Minas Gerais, é uma entidade de cunho público, pertencente à Rede Municipal de Ensino e ministra o Ensino Fundamental, conforme disposições da Lei nº 9.394/96, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Criada em 1992, por meio da Lei Municipal nº 5.484 de 26 de fevereiro de 1992, a autorização de funcionamento do estabelecimento educacional foi concedida em 1996, Parecer do Conselho Estadual de Educação nº 876 de 1993 e Portaria da Secretaria Estadual de educação nº 022 de 1994.

Optamos pelos alunos do ensino não regular “compacto”, período noturno, devido ao nosso interesse de compreender como se desenvolve a produção e apreensão do conhecimento geográfico com alunos jovens e adultos, trabalhadores e com diferentes histórias de vida.

Para se conhecer melhor os alunos (perfil sócio-econômico) e, principalmente, as visões destes alunos sobre a Geografia ensinada em sala de aula, foram aplicados questionários a todos os alunos matriculados e regularmente presentes às aulas.

Foram aplicados 30 questionários sendo que

somente 22 foram devolvidos, e a caracterização dos alunos foi realizada com bases nos dados coletados.

As aulas são ministradas nos seguintes horários: nas segundas, quartas e sextas-feiras iniciam às dezenove horas, e nas terças e quintas-feiras às dezoito horas e cinquenta minutos, com intervalo de quinze minutos para descanso e término as vinte e duas horas e trinta minutos. A disciplina de Geografia possui três horas aulas por semana, com duração de cinquenta minutos cada e, as observações foram realizadas somente às segundas e quartas-feiras, no horário da matéria.

A turma estudada é bastante heterogênea, com alunos adultos e jovens, homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, pais e mães. Há interesse em aprender o que a professora ministra e a disciplina é um elemento que chama a atenção. São extremamente educados e tivemos uma ótima recepção.

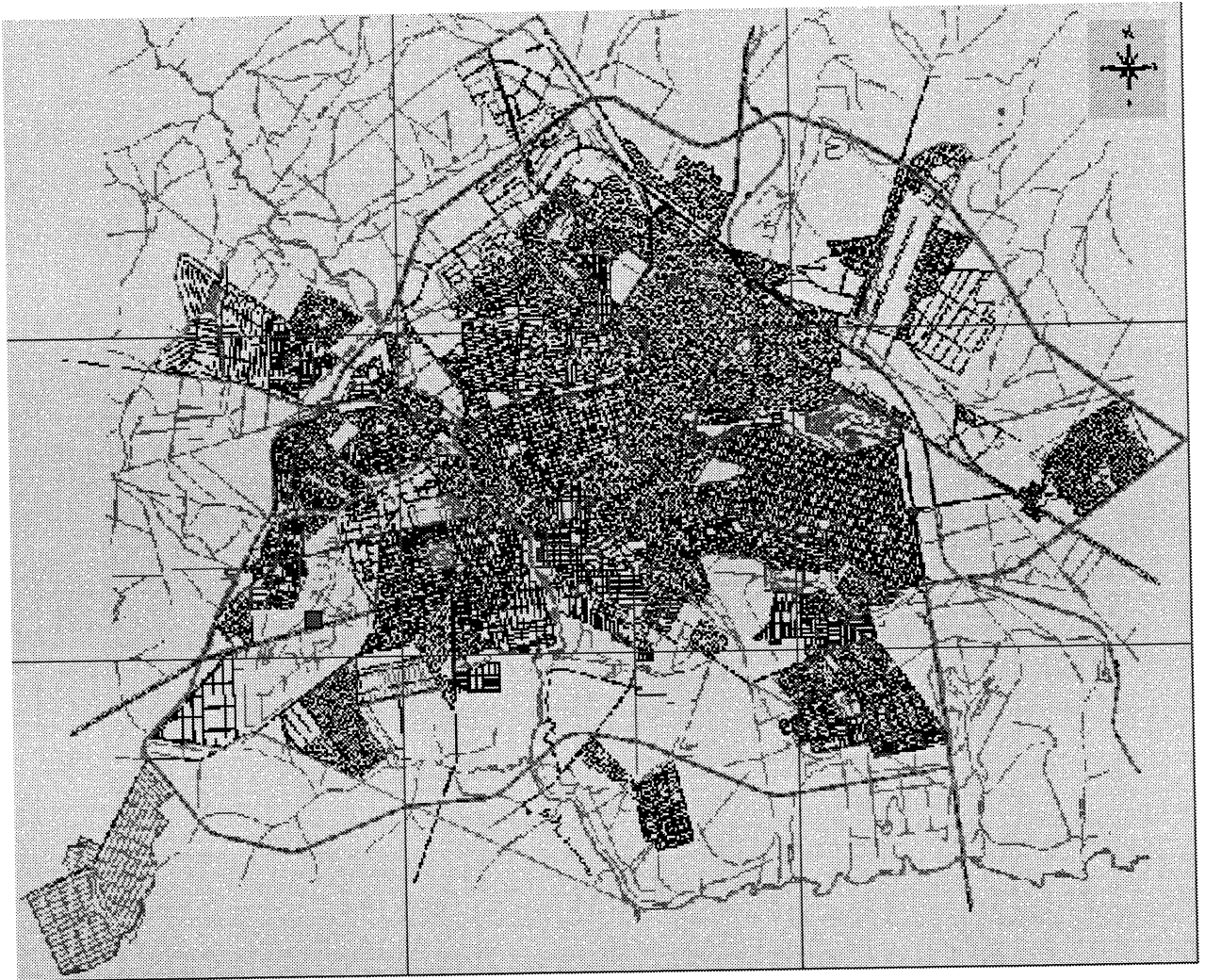
É verdade que, no início, ficavam um pouco retraídos e talvez até envergonhados, devido a presença de uma outra pessoa que não fosse os colegas e a professora, mas se acostumaram com nossa presença, conversando conosco e tirando dúvidas a respeito do conteúdo trabalhado em aula.

Ressaltamos a experiência de vida destes alunos, suas histórias, seus anseios e perspectivas para o futuro e a vontade de terminar seus estudos. Um aspecto que chamou atenção foi a assiduidade às aulas, pois, ao contrário de outras experiências com alunos jovens do ensino noturno, estes são mais assíduos e interessados.

Logo nas primeiras observações, constatamos que se tratava de um público diferenciado, não só pela idade, mas pelas atitudes, vontade de aprender e de fazer correto o que não puderam realizar na idade escolar regular.

É notável a atitude de voltar aos estudos após anos fora da escola. As dificuldades que enfrentam

Mapa 1 – Localização da Escola Municipal Profa. Cecy Cardoso. Uberlândia, MG.



Base cartográfica disponível em: [www. http://bastion.prodaub.com.br/mapa_sedur/principal.htm](http://bastion.prodaub.com.br/mapa_sedur/principal.htm)

Legenda

■ Escola Municipal Profa. Cecy Cardoso. Org.: Benevides, F.B.N. (2004).

são muitas como problemas de leitura, compreensão e interpretação dos textos, raciocínio lento, fruto dos longos anos fora da escola, além do medo da violência, por voltarem para suas casas tarde da noite.

Não consigo passar para o papel o que leio.
(Depoimento de aluno EJA em 2003).

Chamou-nos a atenção a dificuldade de os alunos interpretarem o que as questões propostas pela professora solicitavam, além da dificuldade de redigirem as respostas e de extraírem a essência de determinado tema.

Outra questão relevante, que prejudica a aprendizagem dos alunos, é o fato de não poderem levar os livros utilizados em sala de aula para casa. Logo, perde-se um tempo precioso, a nosso ver, que poderia ser utilizado para trabalhar conteúdos com relevância para a vida dos mesmos, procurando trazer a Geografia mais próxima deles, fugindo um pouco dos livros didáticos e incorporando-a à sua realidade.

Inicialmente trabalhou-se alguns conceitos básicos para a Geografia como Globo, Planisfério, mas sem qualquer vinculação com a prática real dos alunos, como conceitos abstratos, sem qualquer aplicação real, como se a Geografia não fosse esta ciência que estuda o homem e suas relações com a natureza; como se os alunos não fizessem parte deste mundo, desta sociedade.

Nas observações, pôde-se verificar que, tal como (CAVALCANTI, 1998, p. 39) “... os alunos agem formalmente e sem entusiasmo. Vão copiando as questões, mas nem sabem direito do que se trata, já vão deixando espaços para as respostas”. Reclamam da quantidade de questões dadas pela professora e ficam procurando “respostas prontas” no livro didático, dando a impressão que aquela atividade não atrai e nem prende a atenção dos educandos.

Na aula de dinâmica de grupo, observou-se a ausência de diálogo, debate e discussões sobre o

tema em questão, de acordo com o verificado por CAVALCANTI (1998, p. 39): “Após 20 minutos de atividade de grupo, os alunos que observo ainda estão em silêncio, não conseguem trocar idéias sobre as respostas. O máximo que conseguem é copiar um do outro”.

O comentário de uma aluna chamou-nos a atenção: “a Geografia de lá fora é diferente, mais bonita, ao contrário da Geografia da sala de aula, e que tinha dificuldades em transcrever esta Geografia para o papel”. Pareceu-nos que a aluna falava de duas Geografias diferentes e distantes uma da outra, uma da vida cotidiana e real, e outra dos livros, dos mapas, de difícil compreensão e abstrata.

Indagamos a aluna para tentarmos compreender melhor o que ela dizia, mas o incrível é que nem ela mesma sabia explicar o porquê de pensar assim, o que nos deu um pouco da dimensão de o quanto a Geografia é desvinculada da vida das pessoas. Segundo a mesma aluna, “ela não conseguia aprender a Geografia da sala de aula”, porque “é difícil de entender”.

Esta distância que a aluna demonstrou haver entre a “Geografia lá de fora” e a “Geografia do papel”, talvez explique o receio dos alunos com relação à avaliação escrita. Demonstraram preocupação com o fato de serem avaliados, talvez porque todos sintam dificuldade em aprender esta Geografia abstrata e distante de suas realidades, posta e ministrada na sala de aula.

Esta situação nos leva a uma reflexão a respeito do ensino de Geografia nas escolas. Se a própria aluna acredita haver a Geografia diária, da sua vida social, por que nós, profissionais, não conseguimos trabalhar a ciência de forma a relacioná-la com os fatos da sociedade em que vivemos? Será que o problema está na formação dos profissionais de educação, nos diferentes cursos superiores ligados à educação?

Outra situação que prejudica o andamento e a qualidade dos estudos é a falta de material em

quantidade e qualidade; são perdidos vários minutos da aula. Quando os livros chegam e são distribuídos, os alunos começam a fazer os exercícios propostos, mas, como seu ritmo é lento, o horário não é suficiente para o término da atividade.

Outro problema observado refere-se aos dias em que não há professor para lecionar, por várias razões, como fazer um curso ou estar doente. Como não há outro profissional para substituí-lo, os alunos perdem aquela aula que não tem como ser repostada; de qualquer maneira, o semestre não é suficiente para trabalhar todo o conteúdo.

Acreditamos que tal problema não é somente da Geografia; as demais disciplinas também são penalizadas com esses tropeços, mas os mais prejudicados são os alunos.

Observou-se que os alunos sentem desânimo ao lerem os textos, talvez devido ao cansaço, após um dia de trabalho. Desta forma, procuram respostas prontas no texto, localizando uma palavra em destaque, relacionada ao tema trabalhado e lêem o parágrafo com o intuito de encontrarem as respostas.

Falávamos a eles: é necessário descobrir o que a pergunta está pedindo para responder, e obtínhamos como resposta: Eu sei, mas estou desanimado. (Depoimento de aluno EJA em 2003), ou, às vezes, a simples expressão de seus rostos já dizia tudo, sem precisar verbalizar.

Entretanto, apesar de suas limitações, procuram responder as questões e solicitam auxílio ao professor e também a nós, preocupados em responder corretamente. Perguntei-me de imediato: É esta Geografia que desejamos ensinar? Há aprendizagem neste sistema de ensino?

Apesar da vontade e disposição em comparecerem às aulas, o que não é nada fácil, uma vez que trabalham e já não possuem a mesma disposição física e mental para assimilar os conteúdos de quando crianças e jovens, reclamam da quantidade de tarefa,

o que, para nós, pode ser visto como uma dificuldade de desenvolver o raciocínio.

São alunos que ficaram muito tempo sem estudar, que perderam o contato com a leitura e a escrita, ausentaram-se do convívio escolar e o retorno a rotina de estudos é, a nosso ver, uma tarefa difícil. A própria professora, em uma de nossas conversas, comentou que eram lentos para assimilar e desenvolver as atividades escolares, como leitura, interpretação e redação.

Nas aulas destinadas ao trabalho com mapas, os alunos demonstram gostar da atividade, colorem e localizam os estados, países e continentes, bacias hidrográficas. Mas, observa-se que grande parte dos alunos tem dificuldade em localizar o que é pedido pelo professor.

Durante uma aula em que se trabalhava o mapa da América do Sul, notamos que muitos alunos não conseguiram localizar o Brasil, mostrando que a Geografia ensinada nas séries anteriores não foi capaz de desenvolver conhecimentos básicos.

O Brasil é aqui mesmo?; Este aqui é o Brasil?; Onde fica o Brasil?. (Questionamentos de alunos EJA em 2003).

CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS

Constatou-se a predominância de alunos do sexo feminino, que corresponde a 59% (13 alunos) e 41% (nove) do sexo masculino. Com relação à faixa etária, de 16 a 25 anos, há dois alunos (9%), de 26 a 35 anos, 10 alunos (45%), de 36 a 45 anos, seis alunos (27%), de 46 a 55 anos, três alunos (13,5%) e somente um aluno não respondeu.

Com relação ao fato de atualmente estarem empregados, responderam sim, 13 alunos (59%) e não, nove alunos (41%). Com registro em carteira, apenas três alunos responderam (14%), enquanto a grande maioria, 14 alunos (63%) afirmaram não possuírem registro em carteira e cinco alunos (23%) não responderam.

Os dados sobre trabalho evidenciam a estreita relação entre o baixo nível de escolaridade e a baixa qualificação profissional (subemprego e emprego não formal), uma vez que apenas três alunos afirmaram possuir registro em carteira, demonstrando a precariedade do nível de emprego da população pesquisada. Os 41% desempregados são um reflexo da conjuntura sócio-econômica que o país atravessa.

A renda mensal do grupo familiar interage com os tipos de profissões encontrados na pesquisa. Com renda mensal de até um salário, encontra-se a percentagem de 9%, acima de um até dois salários mínimos (18%), acima de dois até três salários mínimos (32%), acima de três salários (27%) e (14%) não responderam, ou seja, mais da metade (59%) possuem rendimento mensal de um a três salários mínimos. Podemos afirmar que se trata de uma população homogênea quanto ao nível de renda, caracterizada pelos baixos rendimentos, interagindo com as profissões detectadas, conforme CARDOSO (1982).

As profissões são heterogêneas, merecendo destaque àquelas que exigem baixo grau de escolaridade e qualificação, conforme Tabela 1.

Com relação à localidade de nascimento dos alunos, constatou-se que 15 alunos (68%) nasceram em municípios pertencentes ao Estado de Minas Gerais e apenas sete (32%) nasceram em outros Estados: Alagoas (1), Goiás (4), Rio Grande do Sul (1) e São Paulo (1), conforme Tabela 2. Do total, 13 alunos (59%) afirmaram terem nascido no meio urbano e oito (36,5%) nasceram no meio rural; um não respondeu.

Os dados nos remetem a uma realidade bem conhecida, em que o êxodo rural e a conseqüente migração das pessoas para as cidades, em busca de melhores oportunidades de trabalho e melhoria de vida, ocasionam desemprego e subemprego. Seus efeitos sobre a sociedade e o espaço geográfico são o aumento das desigualdades sociais, econômicas, culturais e espaciais.

Tabela 1 – Profissão dos alunos inscritos no 5º Módulo da E. M. Profa. Cecy Cardoso. Uberlândia, MG (2003).

Atividade Profissional	Número de Alunos
Agricultor/Servente de obras/	
Caçadista/Vendedor de Livros	1
Auxiliar de Armazém	1
Auxiliar de Limpeza	1
Auxiliar de Serviços Gerais	1
Bordadeira	1
Cozinheira	1
Do Lar	3
Doméstica	1
Eletricista	1
Mecânico	1
Mestre de Obras	1
Micro-empresário	1
Motorista Autônomo	1
Pedreiro	1
Pintor de Automóveis	1
Vendedora Autônoma	1
Não responderam	4
TOTAL	22

Fonte: Pesquisa direta/Novembro de 2003.

Org.: Benevides, F.B.N.

O município de Uberlândia exerce forte atração sobre a população dos municípios das regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, como local que pode oferecer melhores oportunidades de vida (trabalho, educação, saúde e etc.).

Trabalhando EJA, interessou-nos saber o período de tempo que os alunos ficaram ausentes da escola. A média de anos encontrada foi de 19 anos, sendo o período mínimo verificado de quatro anos e o máximo 35 anos.

Tabela 2 – Localidade de nascimento dos alunos inscritos no 5º Módulo da E. M. Profa. Cecy Cardoso. Uberlândia, MG (2003).

Município e Estado de Nascimento	Número de Alunos
Araguari (MG)	1
Brasília de Minas (MG)	1
Canápolis (MG)	1
Capinópolis (MG)	1
Frutal (MG)	1
Indianópolis (MG)	1
Itacarambi (MG)	1
Ituiutaba (MG)	2
Presidente Olegário (MG)	1
Rio Paranaíba (MG)	1
Santa Juliana (MG)	1
Uberlândia (MG)	3
Sub-total (MG)	15
Junqueiro (AL)	1
Itumbiara (GO)	1
Anápolis (GO)	1
Quirinópolis (GO)	2
Cachoeira do Sul (RS)	1
São José do Rio Pardo (SP)	1
TOTAL	22

Fonte: Pesquisa direta/Novembro de 2003.

Org.: Benevides. F.B.N.

A média de 19 anos de ausência da escola demonstra que, trabalhar com EJA, exige dos profissionais em educação uma flexibilidade em relação à forma de tratamento, de abordagem do conteúdo e de encaminhamento das aulas.

Segundo PINTO (1982), nas famílias pobres, as crianças são prematuramente solicitadas pelo trabalho, abandonando os estudos, uma vez que o semi-analfabeto *vale mais*, socialmente falando (para as condições miseráveis de vida de sua família, de sua comunidade), que o trabalho que poderia fazer

se completasse sua educação na escola.

Questionados sobre o que os levou a abandonar os estudos, 13 alunos (59%), responderam o trabalho; por vontade própria, cinco (23%) e um para trabalhar juntamente com a ausência de escola. Por outros motivos, (13,5%). Aliado a isto, perguntou-se que motivos os levaram a retornarem aos estudos: por exigência do trabalho, dez alunos (45%); para satisfação própria, sete alunos (32%); para ascensão profissional, quatro alunos (18%); para obtenção de diploma, apenas um aluno (4,5%).

Observa-se um ingresso relativamente precoce destas pessoas no mercado de trabalho, o que as levou a se ausentarem da escola no período regular. Curiosamente, os mesmos motivos os trazem de volta a escola, só que agora em busca de qualificação para continuarem trabalhando no restrito e concorrido mercado de trabalho.

Neste contexto, é bastante difundido e aceito que, ao ingressar no mercado de trabalho, quanto menor o nível de escolaridade dos indivíduos, maiores as chances do seu nível de rendimento ser pequeno (CARDOSO, 1982), confirmando a estreita relação entre escolaridade/qualificação profissional e os níveis de remuneração.

Conclui-se que a escola, ainda hoje, representa uma oportunidade de ascensão sócio-econômica, mesmo sendo uma instituição veemente criticada, por diversos setores da sociedade, como ultrapassada, desestimulante e sem atrativos diante de uma sociedade globalizada.

Os 22 alunos pretendem continuar os estudos, sendo que 14 pretendem concluir o Ensino Médio, cinco o nível superior e três não souberam responder.

Meu sonho é fazer um Curso Técnico em Enfermagem. (Depoimento de aluno EJA em 2003).

O desejo de concluírem os estudos também

pôde ser verificada em conversas durante a realização da pesquisa de campo. Vários foram os relatos dos alunos demonstrando um real e sincero interesse pelo conhecimento e pela aprendizagem, mesmo tardiamente (como eles mesmos dizem).

A GEOGRAFIA NA VISÃO DOS ALUNOS: A SITUAÇÃO DO ENSINO DE GEOGRAFIA

Pesquisando especificamente a Geografia e seu ensino na escola, a grande maioria, 19 alunos (86%) disseram gostar de Geografia, contra três (14%) que não gostam devido ao fato de ser muito complicada, de difícil compreensão e por não prender a atenção do aluno.

Os alunos que responderam gostar da matéria possuem as mais diversas justificativas, confirmando a análise de RESENDE (1986).

“Conhecer melhor mundo, suas riquezas e belezas sem sair do lugar”; “obter e conhecer informações importantes (aspectos físicos) sobre o mundo, bem como dos diferentes Estados e países, particularmente do Brasil”; “como forma de ter contato com a natureza”; “no auxílio da localização dos lugares”; “por gostar e possuir facilidade na apreensão dos conteúdos” ou simplesmente “porque é uma matéria gostosa de aprender”. (Depoimento de alunos EJA em 2003).

Diante das respostas, cabe-nos refletir. É esta a Geografia defendida por nós, profissionais da ciência geográfica? Obviamente que não. Criticamos esta Geografia tradicional e positivista, descritiva e sem qualquer relação com o homem, como ser social e transformador do espaço.

Não é função deste trabalho criticar os professores de Geografia que atuam nas redes de ensino público, de EJA ou não. Entretanto, fica claro que temos problemas com relação à adequada formação do profissional de educação em Geografia.

Faz-se necessário investir maciçamente na formação continuada, para que os professores não

pratiquem em sala de aula, uma Geografia sem conexão real com o mundo dos educandos.

Os alunos gostam da matéria, mas não porque ela os auxilia a serem cidadãos conscientes e críticos; logo, a Geografia, a nosso ver, não está cumprindo seu papel social. O aluno, seja do ensino regular como não regular, precisa sair do Ensino Fundamental sabendo fazer leituras do espaço geográfico que o circunda; somente assim, acreditamos que ele possa lutar por uma sociedade mais justa e igualitária, cobrando seus direitos e cumprindo seus deveres.

Com relação às dificuldades de assimilar os conteúdos de Geografia, 13 alunos (59%) disseram ter dificuldades, enquanto nove alunos (41%) admitem não terem dificuldades em relação aos conteúdos geográficos. A respeito da forma como a Geografia é ensinada na escola, 21 alunos (95,5%) disseram gostar da maneira que é ensinada e apenas um aluno (4,5%) respondeu não gostar da forma que a Geografia é ensinada na escola.

Perguntados sobre o porque de possuírem ou não dificuldades em assimilar os conteúdos de Geografia, disseram:

“Exige que se estude muito”; “por possuir muitos nomes e mapas”; “por não conseguir transcrever para o papel os seus conhecimentos”; “porque faz muito tempo que parou de estudar”; “possui dificuldades em memorizar nomes”; “porque a matéria é complicada” ou “porque possui preferência por apenas alguns ramos da Geografia”. (Depoimento de alunos EJA em 2003).

As dificuldades registradas pelos alunos são compreensíveis quando se analisa o longo período de ausência da escola, além das dificuldades de leitura, interpretação e redação.

Tenho dificuldades em decorar e memorizar nomes. (Depoimento de aluno EJA em 2003).

Mas, relacionando-se diretamente com a

Geografia, tais motivos nos deixam preocupados, pois os alunos não deveriam mais memorizar e decorar nomes, uma vez que este tipo de leitura é, há muito tempo, criticado por vários geógrafos (VLACH, 1990 e 1991).

Os alunos que não possuem dificuldades em assimilar os conteúdos geográficos, responderam que:

“Se houver dedicação aos estudos, não há como não assimilar a matéria”; “porque a matéria é gostosa”; “porque é uma matéria de contemplação” ou simplesmente “porque gostam da disciplina”. (Depoimento de alunos EJA em 2003).

Assusta-nos que, ainda hoje, alunos admitam gostar de Geografia por ser uma “matéria de contemplação”, conforme RESENDE (1986) e CAVALCANTI (1998) detectaram em suas pesquisas há alguns anos.

Com relação a gostarem da forma que a Geografia é ensinada, alguns alunos responderam:

“Por causa da professora, de suas explicações, da sua dedicação, criatividade e responsabilidade”; “por conseguirem acompanhar o desenvolvimento do conteúdo”; “porque aprendem diversos aspectos físicos e econômicos de diferentes lugares” ou “porque a aula é descontraída e alegre”. (Depoimento de alunos EJA em 2003).

Os depoimentos acima pouco relacionam o apreço à Geografia pelo seu conteúdo e oportunidade de oferecer uma visão consciente e crítica do mundo, mas, sim, a outros motivos, como gostar da professora, entre outros.

Chamou-nos atenção uma aluna que, segundo ela, “não gostava de Geografia, mas que estava passando a gostar”. O único aluno que respondeu não gostar da forma que a Geografia é ensinada na escola disse que “é preciso mais conceitos, matéria mais geográfica”.

Questionados sobre a importância da

Geografia, foi consenso entre todos os alunos que a disciplina é importante. Como explicação para a afirmativa unânime entre os alunos, a Geografia é importante:

“Porque estuda o espaço e seus acontecimentos”; “porque através dela conhece-se o mundo”; “porque tem noções de latitude e altitude”; “porque é necessária em quase todas as atividades”; “porque ensina a localizar os diversos lugares”; “porque aprende mais sobre o ambiente em que vivemos, o território”; “ensina como ver e lidar com os diversos acontecimentos e atualidades mundiais”; “porque conhece as dificuldades da população brasileira” ou “porque é importante saber sobre as regiões e viajar sem sair do lugar”. (Depoimento de alunos EJA em 2003).

Novamente, debatemo-nos com depoimentos que valorizam as questões mais superficiais da Geografia e não a sua visão profunda dos diversos acontecimentos nas suas diferentes esferas de abordagem.

Como forma de melhorar o ensino de Geografia na escola, alguns alunos sugeriram apresentação de vídeos e trabalhos científicos, adoção de apostila e de livro didático (de acordo com as suas necessidades), maior número de aulas, maior número de ilustrações, material didático de boa qualidade e em quantidade que atenda a todos os alunos e mais exercícios. Outros consideram que não é necessário mudar nada.

Realmente, as condições de trabalho, tanto para o aluno como para o professor, são demasiadamente precárias. Falta diversidade e qualidade de material didático atualizado e em quantidade para atender todos, tempo para realizar todas as tarefas e cumprir pelo menos o conteúdo de maior interesse para a classe, sem falar nas péssimas condições de trabalho dos professores, que conhecemos de longa data.

Com relação à utilidade da Geografia na vida prática dos alunos, foi respondido que é útil:

“Porque conhece sobre acontecimentos do espaço em geral”; “porque não têm condições de aprender viajando”; “para ensinar outras pessoas, como os filhos e netos”; “porque nos explica fatos do passado e possibilidades do futuro, além de atualidades”; “para orientação e localização de cidades”; “porque estuda o espaço geográfico”; “para orientar, prevenir e resolver problemas”; “porque sem a Geografia não se vai a lugar algum” ou “para conhecer sobre a economia de cada Estado”. (Depoimento de alunos EJA em 2003).

As respostas são muito parecidas com aquelas sobre a importância da Geografia, mostrando que não há uma forte diferenciação entre uma questão e outra, revelando que, para a vida prática destes alunos, a Geografia ainda não ocupa papel de relevância.

Questionados sobre o que vem primeiramente à cabeça quando ouvem a palavra Geografia, responderam:

“Penso nos planetas, no espaço e no mundo em geral”; “conhecer outros lugares, o mundo, o mar, a Amazônia e os Estados”; “arte, beleza, arquitetura, vastidão e grandeza”; “aspectos de determinado lugar”; “as paisagens naturais”; “um estudo para sabermos sobre como o país está no momento”; “localização”; “muito verde, paisagem e pássaros”; “mapas”; “prestar atenção às explicações do professor”; “estudo geral do planeta”; “estudo de tempo, região e Estados”; “obter muito conhecimento” e “oceanos, espaço, latitude, longitude, fusos-horários”. (Depoimento de alunos EJA em 2003).

Novamente, a Geografia da contemplação está presente nas respostas dos alunos, reforçando o ensino que recebem, ou seja, a Geografia Tradicional, fragmentada e sem conexão com os mais diversos elementos: sociais, econômicos, culturais etc.

Sobre o que é Geografia, os alunos responderam:

“A ciência que estuda o homem e suas relações com o espaço”; “o espaço geográfico que estuda o homem e o meio em que vive”; “é ter conhecimento do espaço geográfico”; “a arte que ensina a ver a beleza da geografia, dos planetas, mares e cidades”; “a apresentação esboçada de determinado lugar”; “é paisagem, natureza, história é tudo”; “um órgão que estuda o meio ambiente em que vivemos”; “matéria que serve para nos ajudar em nosso cotidiano e em nossa vida”; “a ciência que estuda o que está em nossa volta”; “o início para conhecer território e Estados”; “o ensino que os seres humanos não podem deixar de ter”; “estudo que nos ensina ter mais aprendizado na vida”; “estudo sobre regiões e mapas”; “estudo de rios e região”; “é a ciência geográfica”; “ciência que estuda o homem e o seu espaço”; “estudo sobre o mundo que vivemos” e “a maneira de escrever o mundo através de mapas”. (Depoimento de alunos EJA em 2003).

Nesta questão em particular, podemos verificar que alguns alunos (poucos, é bem verdade), de uma forma ou de outra, conseguiram explicar que a Geografia é a ciência que estuda o homem e sua relação com o espaço, melhor ainda, citam o espaço geográfico, o que, para nós, é um grande avanço.

Acontece que mesmo estas pessoas que identificaram o que a ciência geográfica estuda, talvez não saibam exatamente o que isto significa, dado que, na avaliação escrita, este foi um dos temas estudados e poucos alunos conseguiram responder corretamente o que é Geografia.

As demais respostas coletadas não foram novidade para a pesquisadora, pois o convívio durante os quatro meses de observações nos permite dizer que a visão macro de estudo da disciplina não é dominada pelos alunos.

Questionados sobre para que serve a Geografia, relataram:

“Para saber as alterações do nosso planeta e de outros também”; “para conhecer um pouco dos países e principalmente do Brasil”; “para termos noções básicas de tempo e espaço ao redor”; “para mostrar a beleza geográfica das terras e construções, para medir distâncias planetárias”; “para qualquer atividade que queira estabelecer com êxito”; “para localizar países, estados, cidades, fazendas, bacias hidrográficas, rios e etc.”; “para estudar nosso espaço geográfico”; “para orientar os governantes de um país e para mostrar a situação em que o meio ambiente se encontra”; “para localizar e estudar regiões”; “para melhor informar onde vivemos”; “para melhorar nosso conhecimento”; “para a vida do ser humano e para entender mais o espaço geográfico”; “para aprender sobre os mapas”; “para o estudo original do espaço natural”; “para nos orientar o que fazer para termos um mundo melhor”; “serve como complemento para as outras matérias” e “conhecemos o mundo, para saber a nossa relação com a ciência, o espaço e muito mais”. (Depoimento de alunos EJA em 2003).

Os trechos abaixo são respostas dos alunos que, acreditamos, merecem destaque em nossa análise:

“Para termos noções básicas de tempo e espaço ao redor”, “para estudar nosso espaço geográfico”, “para orientar os governantes de um país e para mostrar a situação em que o meio ambiente se encontra”, “para a vida do ser humano e para entender mais o espaço geográfico”, “para nos orientar o que fazer para termos um mundo melhor”, “serve como complemento para as outras matérias”. (Depoimento de alunos EJA em 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratando-se de um público especial, Educação de Jovens e Adultos, com diferentes faixas etárias e histórias de vida, acreditamos que o método educacional utilizado não é o mais adequado, pois não considera as particularidades desse grupo e, principalmente, o conhecimento adquirido fora da

escola, o saber prévio.

Enfatizamos a importância de se insistir na realização de conexões entre o conteúdo trabalhado e o conhecimento prévio dos alunos, uma vez que, constatamos a dificuldade de os alunos realizarem uma relação prática entre o que está sendo ensinado e suas vidas.

A falta de entusiasmo do alunado para com a Geografia pôde ser evidenciada e, apesar de mostrarem interesse pela disciplina, verbalizando que gostam do que é ensinado, porém importante parcela dos educandos insiste no seu caráter tedioso.

O desânimo dos alunos, talvez, não seja fruto somente dos conteúdos escolares. Merece destaque o fato de os alunos trabalharem durante o dia em serviços braçais, sendo que as mulheres cumprem dupla jornada de trabalho, trabalhando fora em busca de salário e cuidando de suas crianças e afazeres domésticos em seus lares.

Neste sentido, é previsível que os alunos não sintam disposição física e mental para os estudos, ao contrário das crianças e adolescentes que cursam a 5ª série do ensino fundamental. Logo, torna-se necessária uma reflexão sobre formas alternativas de ensino, não só de Geografia, mas também para as demais matérias.

Evidenciou-se o desejo de os alunos adquirirem conhecimentos, de que foram privados na idade escolar regular, uma vez que, apesar de todas as dificuldades, preferem frequentar as aulas a ficarem em casa com seus familiares, numa época em que a escola não exerce grande poder de atração entre as pessoas.

Na sociedade globalizada, os meios de comunicação exercem importante papel de difusão de informações e conhecimento; logo, faz-se necessário reconhecer o esforço destas pessoas de voltar a estudar, abdicando de horas que poderiam ser dedicadas ao lazer, ao descanso e ao convívio familiar.

É evidente que alguns alunos não retornaram aos estudos por vontade própria, mas por exigência do mercado de trabalho e pela busca de melhores condições de vida. Contudo, o enfrentamento de vários obstáculos como os já citados, além da ausência do convívio escolar por vários anos, os valoriza como pessoas, e merece reconhecimento por parte dos educadores.

Trata-se de uma parcela da população brasileira que, perante a falta de oportunidades no passado, busca reescrever sua história. Almeja conquistar a cidadania para se tornar ciente de seus direitos e deveres, prepara-se para compreender o mundo, o país, sua cidade, seu bairro, como resultado da produção que o homem realiza sobre o espaço, objeto de análise da ciência geográfica.

Finalmente, destacamos a necessidade de metodologias alternativas de ensino para este público, assim como livros didáticos formulados especificamente para estes alunos. Os professores de Geografia devem, sempre que possível, trabalhar o espaço real dos alunos nas aulas, porque isso lhes abre as portas para a compreensão do espaço geográfico contemporâneo, tarefa que exige uma aproximação dialética entre teoria e prática, abstração e concretude, entre outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, R.D. A propósito da questão teórico-metodológica sobre o ensino de Geografia. **Terra Livre**, n. 8, 1991, p. 83-90.
- BRASIL. Lei nº 9.324, de 20 de dezembro de 1996. **Câmara dos Deputados**, Brasília, 2001, p. 17.
- CARMO-NETO, D. **Metodologia científica para principiantes**. 3. ed. Salvador: American World University, 1996. 560p.
- CARDOSO, M.F.T. Características sócio-espaciais de uma clientela do ensino supletivo. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 44, n. 1, 1982, p. 163-179.
- CARVALHO, A.C., BRÍGIDO, B.R. **A geografia que se ensina**. João Pessoa: AGB/UFPA, 2002. CD-Room.
- CAVALCANTI, L.S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998. 192 p.
- CENSO Escolar. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/download/censo/2003>. Acesso em 15 dez. 2003.
- FILHO, F.D.A., ALMEIDA, R.D. A questão metodológica no ensino de Geografia: uma experiência. **Terra Livre**, n. 8, p. 91-100, 1991.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 165 p.
- GENTILE, P. Educação de Jovens e Adultos. **Revista Nova Escola**, São Paulo, Ano XVIII, n. 167, nov, p. 35, 2003.
- GOHN, M.G. **Educação não-formal e cultura política**. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001. 120p.
- PEREIRA, D., SANTOS, D., CARVALHO, M. A Geografia no 1º grau: algumas reflexões. **Terra Livre**, n. 8, 1991, p. 121-131.
- PINTO, A.V. **Sete lições sobre a educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 1982. 118p.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. **Projeto Ensino Compacto 5º ao 8º módulo**. Uberlândia: CEMEPE, 1999. 43p.
- RESENDE, M. S. **A Geografia do aluno trabalhador**. São Paulo: Edições Loyola, 1986. 181p.
- SALOMON, D.V. **Como fazer uma monografia**. 5. ed. Belo Horizonte: Florence, 1972.
- SECRETARIA de Desenvolvimento Urbano. Dispo-

nível em: www.uberlandia.mg.gov.br. Acesso: 20 jan. 2004.

VERONESE, M.A., VIEIRA, C.A., BRAGAGLIA, U. A política do ensino supletivo. **Educação**, abr/set., 1982, p. 13-15.

VLACH, V.R.F. **Geografia em debate**. Belo Horizonte: Lê, 1990. 104p.

VLACH, V.R.F. **Geografia em construção**. Belo Horizonte: Lê, 1990, 128p.